reflexões sobre
ARTE visual
v.7 n.12 junho 2026

Estética e Contemporaneidade: Sensações, Relações e Descolonização.

Professor Dr. ISAAC A. CAMARGO

UFMS

ISSN **2764-1279**

Expediente:

Revista: Reflexões sobre Arte Visual

Publicação Atual e Anteriores:

http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual

Editor/Autor: Professor Doutor *Isaac A. Camargo*

Dados sobre o autor – Plataforma Lattes:

http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4

Projeto de Ensino: Resolução N.476 – CAS/FAALC/UFMS, 09/08/21

Edição:

Reflexões Vol.7, No.12, junho 2026 – *Estética e Contemporaneidade: Sensações, Relações e Descolonização.*

Periodicidade: quinzenal

Campo Grande - MS

Capa: Rosana Paulino, Assentamento n.4

Os conteúdos aqui publicados tem a finalidade de difundir conhecimentos no campo da Arte Visual sob o ponto de vista autoral.
É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos desde que citada a fonte.
O acesso é público e gratuito.
Esta publicação é informativa e não tem qualquer finalidade comercial.
Qualquer pessoa ou instituição que se sentir prejudicada em relação aos conteúdos, informações e imagens aqui apresentadas, devem entrar em contato: isaac_camargo@hotmail.com

APRESENTAÇÃO

*A revista **Reflexões sobre Arte Visual** tem por finalidade discorrer à respeito de obras de Arte, períodos, artistas, situações e acontecimentos no intuito de difundir conteúdos neste campo do conhecimento a partir de meus projetos, proposições de ensino e produção artística.*

Os temas escolhidos para os artigos dizem respeito a Arte Visual como um fenômeno cultural e suas relações com o contexto social.

O que define o belo, o feio, o tocante ou o repulsivo na arte contemporânea? Longe de ser neutra, a capacidade de sentir foi historicamente moldada por um padrão eurocêntrico que impôs uma hierarquia dos sentidos. Como argumenta Walter Mignolo: a modernidade operou um processo onde a “estética ocidental” colonizou a “estesia”, ou seja, confinou a nossa capacidade humana de sentir a padrões preestabelecidos pela visão “estrangeira”.

Para debater a Estética na Contemporaneidade, é necessário distinguir dois movimentos de libertação: a descolonização e a decolonialidade. A descolonização operou no plano histórico-político, quebrando o vínculo jurídico entre metrópoles e colônias. Contudo, o fim do colonialismo clássico não eliminou o que Aníbal Quijano conceitua como “colonialidade do poder” a persistência de estruturas que continuam a ditar quem pode criar e quais saberes são validados.

É nessa fratura que Catherine Walsh justifica o uso do termo decolonial, grafado sem o “s” pois, ao retirar a letra “s”, demarca que o movimento não é apenas um “desfazer” do passado, um des-colonizar, mas um projeto contínuo de insurgência política, cultural e existencial. Assim ao analisar como tais noções implicam em sensações nas relações atuais tensionam essa fronteira transformando a Arte em um campo de reconstrução: além de sensível, política.

Quando um museu de arte contemporânea apresenta obras que utilizam corpos dissidentes, materiais da terra ou saberes ancestrais, não é exotismo ou excentricidade, mas uma forma de insurgência estética. Neste sentido, o que se pretende nessa Reflexão, é abordar questões da Estética na Contemporaneidade sob a ótica das sensações e das relações sociais a partir de distinções como as que emergem dos conceitos: descolonizar e decolonizar.

Como já dito, se a descolonização foi supostamente resolvida com a emancipação e adoção de uma soberania territorial por meio de independência e tratados políticos e geográficos, o pensamento decolonial ainda busca uma emancipação cultural da subjetividade e nos afetos. Quijano destaca que a independência política das nações não encerrou a subalternização cultural, pois a colonialidade sobrevive na mente e no gosto do colonizado.

Romper com esse ciclo exige o que Mignolo chama de desobediência epistêmica e estética. Complementando essa visão, Walsh aponta que a grafia “decolonial” é um posicionamento político: ela sinaliza que a ferida colonial não pode ser simplesmente apagada, mas deve ser ativamente desconstruída por meio de práticas diárias de resistência. Portanto, compreender isso é o caminho para pensar como a Arte atual pode recriar o mundo colonizado a partir de matrizes não colonialistas.

O Panorama Estético Contemporâneo revela que a transição para a contemporaneidade na Arte Visual, representa uma ruptura paradigmática em relação às funções ritualísticas, teológicas ou meramente decorativas que balizaram a produção artística por séculos. Desde os primeiros momentos da humanidade até a Idade Média, a presença teogônica foi marcante, apenas, a partir da Idade Moderna que a presença humana se instaurou.

O Modernismo, que se instaurou a partir dos últimos anos do século XIX e primeiros do século XX, conseguiram ampliar os horizontes do pensamento artístico em oposição à tradição clássica. Depois das transformações experimentais decorrentes das Vanguardas Históricas, a partir da década de 1960, as manifestações revelam o surgimento de movimentos que privilegiam a densidade conceitual e a economia afetiva em detrimento da beleza imediata do objeto.

A partir dali a Arte Contemporânea adota comportamentos que diluem as fronteiras entre as distinções poéticas dos modos tradicionais incorporando o hibridismo, o sincretismo e as proposições ambientais e corporais. Neste cenário, a obra de arte deixa de ser um receptáculo de técnica para tornar-se um campo de interações conceituais por meio de sistemas de comunicação, mídia e tecnologias analógicas, digitais e, pasme, generativas...

A partir do hibridismo, da transitoriedade e efemeridade a Arte adota o evento e a primazia do conceito sobre o suporte ou o objeto, a ideia tende a preceder e superar o resultado material. Estes são os novos modos de manifestação artística. A “estratégia da estranheza” e a organização da obra como um “bloco de sensações” reconfiguram o papel do espectador, transformando a recepção passiva em uma experiência de reeducação perceptiva e interativa.

Para Deleuze e Guattari a Arte pressupõe uma Ontologia da Sensação na perspectiva de que a Obra de Arte goza de uma autonomia ontológica singular: ela é um “ser de sensação” que existe em si e por si. Ao contrário de outros objetos técnicos, a Arte é a única coisa no mundo que se conserva, independentemente da durabilidade física dos materiais ou da persistência do sujeito que a criou, ela dura enquanto subsiste na cultura, mesmo que por registros.

Para eles a construção Estética é estruturada em Perceptos e Afetos definidos como um bloco de sensações, subdividido em duas categorias que transcendem as percepções e afecções vividas no cotidiano: *Percepto* algo que não se confunde com a percepção trivial do objeto, subsiste como motivo ou e “se conserva” para além do tempo, segundo KONNELL; e *Afeto*, algo que transborda os sentimentos pessoais, uma espécie de “devir não humano” como força de criação que persiste além da matéria e atinge sensorialmente o observador

Tal sensação, para Deleuze e Guattari, não preenche apenas o espaço material, mas compõe-se também do vazio. Recuperando a sabedoria da pintura chinesa, argumentam que a Obra de Arte só atinge sua plenitude se guardar “vazios suficientes” para permitir a circulação do pensamento, por espaços onde, metaforicamente, sejam preenchidos por conceitos e valores. O vazio não é ausência, mas um componente ativo que permite ao percepto conservar-se no ar e na terra.

Contemporaneamente, surge a *Ecologia da Atenção* e a *Estratégia da Estranheza*. A atenção tornou-se um recurso escasso, sistematicamente capturado por algoritmos e protocolos de hipervisibilidade digital a ponto de dessensibilizar os indivíduos. Borges, Magalhães e Costa argumentam que a Arte atua como um dispositivo de resistência ao propor o que Yves Citton denomina “*Ecologia da Atenção*”, uma espécie de tensão e alerta contínuo.

Jonathan Crary descreve uma “atenção disciplinar” voltada à normalização e produtividade do ver, a Arte Contemporânea introduz a desordem e o ruído para suspender esses regimes, ou seja, para que a “normalidade construída” pelo sistema seja obliterada, portanto, é necessário criar uma ruptura opositiva. O Estranhamento ou efeito inquietante é quebrado pelo choque com o que era familiar e se revela como uma fratura perceptiva recolocando o sujeito na ativa.

Estética Analítica, Relacional e a Precariedade.

A da estética atual pode ser compreendida sob três vertentes teóricas que dialogam com a incerteza e a interatividade: *Liberdade Estética e Entropia* de Arthur Danto na qual postula que vivemos em um período de “perfeita entropia estética”, onde os limites históricos se dissolveram e “tudo é permitido”. A arte contemporânea abdica de uma progressão linear, aceitando a pluralidade absoluta de formas.

Estética Relacional de Nicolas Bourriaud, diz que a obra é redefinida como uma “superfície de contato”. O foco migra do objeto isolado para as “formas de vida compartilhada” que a obra possibilita, transformando o espaço expositivo em um campo de interações humanas. A Estética da Precariedade e Inestética pressupõe a utilização de materiais não convencionais e perecíveis, discutida por Gerard Vilar, reflete a condição de incerteza da contemporaneidade.

Nesse percurso pode-se destacar a questão da Descolonização Estética e Crítica da Indústria Cultural sob a dimensão política. A Estética Contemporânea reside em sua capacidade de fricção contra a Indústria Cultural. Enquanto o entretenimento massificado buscado por Adorno visa a passividade, a Arte Contemporânea busca “fazer pensar” através do desconforto. O inconformismo passa a ser uma estratégia de significação enquanto valor dissidente.

A Descolonização Estética no Brasil, exemplificada por práticas que rompem com as gramáticas coloniais como as trajetórias artísticas que buscam novas visualidades para histórias silenciadas, opera como uma “micropolítica da percepção” (CITTON). Por exemplo: artistas como Rosana Paulino e Sidney Amaral introduzem, nas narrativas históricas hegemônicas, opacidades e resistências ao recorrer à estranheza para transformar as condições habituais do mostrar e do dizer.

Nestes casos, não se trata meramente de representar temas sociais, mas de intervir no regime de pensamento, exigindo que o olhar descolonizado sustente a complexidade de identidades não normatizadas. Figuras menos habituais no contexto da Arte cotidiana, chama a atenção do espectador para corpos que não são vistos fora dos registros históricos oficiais ou ilustrando o exotismo criado para justificar a presença do outro que, na cultura colonial, é diferente.

Esta análise quer promover a compreensão de que a apreciação da Arte Contemporânea não é um ato de consumo imediato, mas um exercício pedagógico de enfrentamento, de “sustentar o desconforto”. O desconforto promovido pelo bloco de sensações é o que permite a transformação social do sujeito; ao ser atravessado por perceptos e afetos que desafiam a lógica cotidiana e utilitária, o indivíduo é compelido a reorganizar suas disposições sensíveis.

A Arte e a Estética, portanto, emergem como ferramentas vitais para a reeducação do olhar em uma sociedade saturada de estímulos reativos. Sustentar a opacidade, o confronto, valorizar a lentidão e admitir o inesperado são desafios postos pela Arte atual e que faz da experiência estética na contemporaneidade um lugar para ressignificar a sociedade e promover o respeito ao humanitário.

Chamo a atenção para o fato de que este texto foi mais curto do que o habitual, mas justifico dizendo que me propus a elaborá-lo como uma leitura introdutória da disciplina de Estética e História da Arte II, que ministro neste segundo semestre, nos cursos de Artes Visuais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, acreditando que colocar um texto um pouco mais acadêmico não faria mal ao contexto que mantenho nas publicações em Reflexões sobre Arte Visual.

Espero que aproveite as informações e reflita à respeito das condições e políticas públicas sociais, econômicas e culturais que organizam o contexto no qual existimos.

A seguir alguns textos que orientaram estas reflexões:

BINI, Fernando A. F. A frágil e complexa noção da arte contemporânea . In: CONRADO, Marcelo (org.). Dilemas da Arte Contemporânea. Curitiba, 2018.
BISHOP, Claire.Disordered Attention: How We Look at Art and Performance Today . Nova York: Verso Books, 2024.
BORGES, Patricia Igino; MAGALHÃES, Claudio Freitas de; COSTA, Carlos Eduardo Felix da. Atenção em suspenso: a estranheza como estratégia estética na arte contemporânea . Revista DELOS, Curitiba, v.18, n.71, 2025.
BUCK-MORSS, Susan. Aesthetics and Anaesthetics: Walter Benjamin's Artwork Essay Reconsidered . October, Vol. 62, 1992.
CAUQUELIN, Anne. Arte contemporânea: uma introdução . São Paulo: Martins, 2005.
CITTON, Yves. Da economia à ecologia da atenção . Ayvu, Revista de Psicologia, v.05, n.01, 2018.
CRARY, Jonathan. Suspensões da Percepção . São Paulo: Cosac Naify, 2013.
DANTO, Arthur. Após o fim da arte: a arte contemporânea e os limites da história . São Paulo: Odysseus Editora, 2006.
DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é a filosofia . 2 ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.
KONNELL, Vania; BARBOSA, Ana Clarisse Alencar. Percepções sensíveis na arte contemporânea: concepção estética de Gilles Deleuze e Félix Guattari . R. Inter. Interdisc. Art&Sensorium, Curitiba, v.5, n.2, 2018.
MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais/Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
MILLET, Catherine. A arte contemporânea. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
PAREYSON, Luigi. Os problemas da estética . 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
QUIJANO, Aníbal. *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.* In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.* Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.
STRICKLAND, Carol. Arte comentada: da pré-história ao pós-moderno . Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
VINHOSA, Luciano. Obra de arte e experiência estética: arte contemporânea em questão . Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.
WALSH, Catherine. *Interculturalidade, decolonialidade e educação.* Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 22, n. 40, p. 23-32, jul./dez. 2013.